

# O humor judaico em questão

## ANITA BRUMER

Doutora em Sociologia, professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**RESUMO** Este texto consiste numa introdução ao **Dossiê Scholem Aleichem e o humor judaico**. Fazem-se considerações sobre a noção de humor, contrapondo-a às noções de piada e riso. Abordam-se também as características do humor judaico, com base em autores que examinaram esta questão, diferenciando-o de outros tipos de humor. Finalmente, à guisa de apresentação, tecem-se comentários sobre os artigos incluídos no dossiê temático que tratam deste assunto.

**PALAVRAS-CHAVE** Scholem Aleichem, humor, humor judaico.

**ABSTRACT** This article is an introduction to the **Dossier Scholem Aleichem and the Jewish humor**. The author considers the notion of humor and compares it to the notions of joke and laughter. Features of Jewish humor are also approached, based on authors who have examined this question, distinguishing it from other types of humor. In the end, as a presentation, the articles included in the Dossier on this topic are commented.

**KEYWORDS** Scholem Aleichem, humor, Jewish humor.

**TRATANDO-SE DE UMA TEMÁTICA RELATIVAMENTE POUCO COMUM NAS VÁRIAS DISCIPLINAS** humanísticas contempladas no dossiê sobre Sholem Aleichem e o humor judaico, pareceu-nos ser necessário esclarecer o significado do humor judaico e apontar as características do humor, que o diferenciam da piada, do riso e de outras formas de expressão com as quais poderia ser confundido.

Uma das referências da tentativa de dissociar essas manifestações é a da CORHUM (*L'association pour le développement des recherches sur Le Comique, Le Rire et l'Humour*), criada em 1987, com o objetivo de “promover todos estudos, pesquisas, trabalhos sobre o cômico, o riso e o humor em todos os aspectos: literários, linguísticos, históricos, sociológicos, antropológicos, psicológicos, gráficos”.<sup>1</sup> A associação mantém a revista semestral *Humoresques*.<sup>2</sup>

Machline (1998-1999, p.11) informa que

o riso é definido como uma expressão psicomotora de alegria, prazer ou sentimentos afins, às vezes conjugando agressividade ou angústia, que se manifesta mediante a contração de músculos faciais, peitorais e abdominais, bem como expirações curtas mais ou menos ruidosas e um ligeiro aumento dos batimentos cardíacos.

O humor, por outro lado, é geralmente caracterizado como “um aspecto emocional, mental ou estético de uma coisa, pessoa ou evento que provoca atitudes e sentimentos alegres e produz risadas cheias de alegria, sorrisos ou semelhantes respostas observáveis de divertimento” (SAPER, 1993, p.75). Com base nessas características e levando em consideração várias situações em que ocorrem o riso e os diversos tipos de humor, cons-

tatou-se que humor e riso podem tanto estar associados como ocorrer de forma independente um do outro.

Freud distinguiu piada e humor, pois enquanto a piada requer a presença de um ouvinte, o humor representa um conflito entre o ego e o superego; através do humor, o ego pode ser mais forte que o superego. Enquanto “a piada é o modelo para pensar o inconsciente, o humor é uma forma sublimada de reagir às dores da existência: um modelo para pensar as contradições humanas sem perder a graça” (SLAVUTZKY, 2005, p.209). “Freud enfatiza o gozo do humor, o triunfo do narcisismo, do eu, desafiando as circunstâncias reais”, mas “querendo diferenciar a piada do humor, [ele] termina aproximando-as e confundindo-as, ao escrever que é próprio do humor fazer uma piada” (SLAVUTZKY, 2005, p.209). Renato Mezan chega a uma conclusão semelhante, esclarecendo que Freud utiliza a palavra *Witz* “tanto para denominar tiradas finas que têm a forma de uma sentença sarcástica quanto as anedotas em forma de historieta, no sentido de piadas” (MEZAN, 2005, p.141). “Uma das qualidades do *Witz* é o “espírito” ou habilidade para perceber o lado pitoresco das coisas e tem a capacidade de expressar o que percebe por meio de uma sentença jocosa, bem humorada, certa” (MEZAN, 2005, p.140). Na verdade, tanto o humor como a piada “transferem o princípio do prazer para dentro da realidade, o que resulta num alívio da dor” (SLAVUTZKY, 2005, p.209).

Para Slavutzky (2005, p.219),

A dinâmica do humor implica as duas grandes direções pulsionais, que são o erotismo e a agressividade. A forma de dizer as verdades no limite para não ofender, uma agressividade distilada na qual tudo e todos podem ser diminuídos na sua arrogância.

Rutter (1977, p.8) destaca que as teorias clássicas do humor consideram três aspectos: superioridade, alívio e incongruência.

De acordo com Rutter (1977, p.11), o humor que demonstra a superioridade do autor/contador/ usuário é quase sempre agressivo e significa rir das fraquezas ou deficiências dos outros; ele é geralmente direcionado contra uma pessoa ou grupo, tipicamente com base em aspectos políticos, étnicos ou de gênero. Como indica Saper (1993, p.83), porém, o humor pode reforçar sentimentos de superioridade “positivos” (inteligência, sabedoria, virtude e outros) de algum grupo.

A função de alívio baseia-se no entendimento da fisiologia de que várias energias são canalizadas e dispersadas pelo corpo. Este tipo de teoria focaliza principalmente os indivíduos que recebem o humor. De acordo com Freud, o humor alivia as tensões ou energias psíquicas, assim como libera os indivíduos de inibições, convenções e leis (RUTTER, 1997, p.15). Krikmann (2006, p.28) acrescenta que

Freud considera o humor como um dos assim chamados mecanismos de substituição, que permitem converter os impulsos agressivos socialmente considerados como tabus em impulsos aceitáveis, desta forma evitando o desperdício de energia mental adicional para suprimi-los.

A noção de incongruência significa uma rápida reviravolta ou a justaposição de elementos inesperados no texto ou situação (SAPER, 1993, p.76). Teorias de incongruência, inconsistência, contradição ou bissociação são essencialmente cognitivas, pois são baseadas em algumas características objetivas de um texto de humor, situação, evento ou figura/foto/gravura (KRIKMANN, 2006, p.27).

## O humor judaico

Antes de tudo, o humor judaico é um humor criado por judeus: “O judeu ri de si mesmo e dos outros judeus” (SCLiar; FINZI; TOKER, 1990, p.2). Além disso, este tipo de humor é “aquele humor francamente judaico em suas preocupações, personagens, definições, expressões, valores ou símbolos” e geralmente aborda temas como comida, família, negócios, antisemitismo, riqueza e pobreza, saúde e sobrevivência (SCLiar; FINZI; TOKER, 1990, p.1). O humor judaico não é cômico e geralmente não provoca uma gargalhada; talvez, como indicam Scliar, Finzi e Toker (1990, p.1), provoque apenas um sorriso resignado.

Dick Codor diz que, para Spalding (1997),

humor judaico espelha a história do povo judeu. É um reflexo de suas alegrias e angústias, anseios e desalentos e dos períodos, tão breves, de bem-estar econômico e social. Reflete, também, a capacidade dos judeus de fazer graça de suas próprias particularidades.

Para Avner Ziv (1993, p.vii),

Humor judaico é um humor criado por judeus com a característica de refletir alguns aspectos da vida judaica. Embora partilhando técnicas de humor universais, como incongruência, surpresa, lógica local e dupla-associação, o humor judaico apresenta algumas particularidades que o distinguem de outros estilos de humor nacionais e étnicos. Não só ele tem raízes antigas como tem representado um papel importante na luta dos judeus pela sobrevivência, dada sua longa história de minoria perseguida. O humor ajuda a mudar, mesmo que por pouco tempo, a tristeza da realidade, transformando-a em algo alegre e assim mais fa-

cilmente suportável.

Numa entrevista<sup>3</sup>, Moacyr Scliar declarou que

o humor judaico induz à reflexão. É um humor reservado, não provoca o riso fácil, a gargalhada e sim um pensativo sorriso [...]. O humor judaico criou personagens característicos, como é o caso da mãe judia, uma figura superprotetora e sobretudo alimentadora.

Para explicar a grande preocupação das mães judias com a alimentação dos filhos, no passado, Scliar, na mesma entrevista, esclarece: “a grande ameaça então era a tuberculose e a grande proteção contra essa doença era a comida”.

Em suas análises, Christie Davies (1998; 1991/1993), citado por Ziv (1993), examina como os grupos minoritários utilizam o humor como uma forma de repudiar estereótipos negativos existentes no humor direcionado contra eles pelos grupos majoritários. Para Davies, o fato dos judeus fazerem piadas sobre suas próprias características (*self-disparagement*) “ilustra a habilidade de combinar o paradoxo do elevado sucesso (*achievements*) por eles obtido e os estereótipos negativos do ambiente hostil. E como expressar melhor um paradoxo do que através do humor?” (DAVIES, 1993 apud ZIV, 1993, p.viii-ix).

Ziv (1993, p.viii) refere que Freud foi o primeiro a destacar uma característica particular do humor judaico: fazer piadas sobre suas próprias características. De acordo com Ziv, quando se fazem piadas de suas próprias características, a mensagem que se tenta passar é: “você não precisa me atacar e macular minha honra; eu mesmo faço isso (e ainda melhor que você)”. A reação esperada é que “a risada do inimigo descarregue sua hostilidade, de modo que ele não utilize sua arma. É melhor parecer medroso,

miserável e tolo e permanecer vivo do que morrer” (ZIV, 1984, p.111 apud SAPER, 1993, p.81). Saper (p.75) atribui a este autor (Ziv, 1984) a referência à habilidade dos judeus de rir através das lágrimas, provavelmente baseado no comentário bíblico atribuído a Salomão (Provérbios, cap. 14, versículo 13): “Mesmo quanto ri, pode doer o coração e ao terminar um momento de regozijo pode haver tristeza” (BIBLIA HEBRAICA, 2006, p.690). A recomendação para rir está também em outro Provérbio atribuído a Salomão (cap. 17 versículo 22): “Coração alegre é boa medicina, já um espírito alquebrado faz secar os ossos” (BIBLIA HEBRAICA, 2006, p.693), o qual relaciona as condições psicológicas de uma pessoa com sua condição física.

Na Europa Oriental, no século XVIII, o movimento *hassídico*<sup>4</sup> e a Haskalá (Iluminismo)<sup>5</sup> entraram em conflito com a visão ortodoxa tradicional, provocando disputas intelectuais que não tinham possibilidades de mudar as condições de vida das massas judaicas. A grande maioria dos judeus desta região vivenciava uma situação de pobreza e perseguições e o humor ajudava-os a enfrentá-la. Como refere Slavutzky (2009), Scholem Aleichem partilhou deste tipo de vida, antes de emigrar para os Estados Unidos, e seu humor ridiculariza a grandiosidade, a autoindulgência, a arrogância, a hipocrisia e a pomposidade; é um humor que defende a democracia e questiona o autoritarismo e as hierarquias sociais, culturais, econômicas e políticas. Neste sentido, com frequência ele satiriza personalidades e instituições religiosas, assim como suas normas e rituais, “procurando uma nova compreensão de diferenças entre o sagrado e o mundano” (SCLiar; FINZI; TOKER, 1990, p.1); ele também enfatiza “a dignidade e o valor do cidadão comum” e trata de maneira especial “o conflito entre as pessoas e a estrutura de poder, seja este conflito o do indivíduo judeu em sua comunidade, o do judeu diante do mundo

gentio, ou da comunidade judaica em relação ao resto da humanidade” (SCLiar; FINZI; TOKER, 1990, p.1). Ele satiriza os rabinos, as autoridades e os ricos.

O humor é utilizado como uma forma de reação às agressões (reais ou imaginadas), levando o judeu indefeso diante da violência a afirmar sua superioridade e seu direito de viver sem restrições (SCLiar; FINZI; TOKER, 1990, p.20, p.12). Neste sentido, pode-se considerar, como Nozek (2002), que o humor judaico consiste numa estratégia de sobrevivência:

O humor se apresenta melhor nas situações de exclusão do povo judeu como estratégia de sua sobrevivência. Apresenta-se como forma de elaboração de conflitos, como resolução de fendas profundas do amor próprio, como forma sutil de defesa e ataque, como forma gentil de agressão (NOSEK, 2002, p.156).

O humor judaico caracteriza-se por enfatizar a incongruência, mas, de acordo com Rutter, ele não contempla a noção de superioridade, pois através dele os judeus não riem dos outros mas de si mesmos; não se ridicularizam os fracos, os desviantes, os doentes, os idosos, mas sim a autoridade, as leis e práticas incongruentes (RUTTER, 1977, p.11); ao mesmo tempo, este sentimento de superioridade pode estar presente quando são assumidas características tais como inteligência, sabedoria e virtude; quando os judeus são mostrados como superiores a fanáticos e adversários ou quando vencem seus perseguidores no seu próprio jogo (SAPER, 1993, p.83).

O humor judaico também é utilizado pelos judeus como uma maneira de cimentar as relações com outros judeus e de promover a autoestima, o orgulho e a força étnicos (SAPER, 1993, p.83). Ele pode ser antisemita quando utilizado por não-judeus com a intenção de discriminar e de agredir, de criar ou

reforçar estereótipos difamatórios (como ao mostrar os judeus como particularmente ambiciosos e arrogantes), de demonstrar ódio ou repulsa e pode ser ou não antisemita dependendo de como a audiência percebe a motivação da pessoa que conta a piada (SAPER, 1993, p.83-84; RAPPOPORT, 2005, p.2).

No conto *Por causa de um chapéu*, analisado por David Roskies num texto deste Dossiê (ROSKIES, 2009),<sup>6</sup> Scholem Aleichem provoca um encontro entre um personagem judeu comum, membro de uma comunidade judaica, que interage com um personagem importante, de classe superior. O resultado, como é comum no humor judaico, é a vitória do primeiro sobre o segundo. É possível supor que, como a recepção do humor depende de quem é o leitor ou o ouvinte, quem ri desta história é principalmente o judeu pobre, residente ou originário deste mesmo tipo de comunidade.

O autor destaca ainda que o conto analisado é um exemplo perfeito do novo conto iídiche. É uma espécie de folclore moderno, um híbrido de gêneros, ao mesmo tempo transtemporal e atual, mítico e cômico, uma história-de-feriado-sobre-rodas, uma história de estrada de ferro com um final duplo, uma velha piada transformada em uma parábola atemporal. Com isso, num outro trabalho, Roskies (2001) defende que os escritos de Sholem Aleichem contêm ao mesmo tempo elementos modernos e atemporais, mesclados num acordo polifônico em que cada voz fala com sua própria dicção e de seu próprio ponto de vista.

São aspectos interessantes do estilo literário de Scholem Aleichem o uso de seu próprio nome como personagem de suas histórias, sob duas formas: Scholem Aleichem (seu pseudônimo) e Solomon Rabinovitch (seu nome real) e o diálogo que estabelece entre o personagem judeu, situado numa posição de inferioridade, e o personagem situado nu-

ma posição superior, seja Deus, o escritor Scholem Aleichem, um rabino ou uma autoridade.

Outro aspecto interessante, destacado por Roskies (2009), é a reciclagem das histórias, numa arte de contar de novo. A este respeito, Lages indica que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (LAGES, 2002, p.127). “Ao contar uma história, uma dimensão do passado é atualizada, passando a fazer parte da experiência atual dos ouvintes e do narrador e, com isso, operar uma alteração fundamental no presente” (LAGES, 2002, p.129). Lages acrescenta:

A ideia de que contar é fundamentalmente “contar de novo” é especialmente marcada na cultura judaica, sobretudo na tradição hassídica. Veja-se, por exemplo, o comentário de Elie Wiesel<sup>7</sup> às histórias hassídicas por ele recontadas: “Assim sendo, a história que procurei contar aqui foi contada mais de uma vez, por mais de uma pessoa. Ela é sempre a mesma e eu, por minha vez, não faço outra coisa senão transmiti-la. Repetição inútil? Não. Repetição, no judaísmo, pode assumir caráter criativo. [...] Transmitir é mais importante do que inovar” (LAGES, 2002, nota 59, p.127-128).

Dois artigos deste dossiê foram escritos por profissionais da mente humana, uma é psicóloga clínica e o outro psicanalista. Abrão Slavutzky (2009) destaca, por exemplo, a importância do humor na evolução do psicanalista e do paciente, pois “o dom do humor é precioso e raro, logo, quem pode melhorar seu sentido de humor em relação aos outros e principalmente em relação a si próprio conseguiu uma mudança substancial”. Liana Ribemboim Feldman (2009) esclarece que “O humor visto na psicanálise exibe uma necessidade humana de sentir prazer e de se inserir num laço social”. Para a autora, “o humor judaico se diferencia dos outros tipos

de humor pelo seu direcionamento autocrítico”. Liana aborda o humor judaico envolvendo a mãe judia e as relações entre homens e mulheres, destacando, assim, o papel representado pela mulher judia na manutenção e transmissão dos valores e tradições judaicas.

No trabalho intitulado *História, literatura e cinema: os contos de Tevie, o leiteiro e suas representações* (KINOSHITA, 2009), Dina Lida procura contextualizar a obra de Scholem Aleichem do ponto de vista histórico, salientando que, por intermédio de sua obra *Tevie, o leiteiro*, o autor narra as transformações dramáticas ocorridas na Rússia entre o fim do século XIX e início do XX. O objetivo central do trabalho foi destacar algumas diferenças no conteúdo desta obra em duas filmagens cinematográficas distintas.

Jacó Guinsburg associa a diminuição da popularidade das obras do autor ao destino que a riquíssima ficção iídiche<sup>8</sup> teve com o desaparecimento dos grandes centros da cultura asquenasa na Europa Oriental e a sua conseqüente aculturação aos países para onde emigraram. O autor destaca a importância e a universalidade da obra de Scholem Aleichem pelo poder de identificar uma coletividade que nela se reencontra e se reconhece.

A diversidade das abordagens sobre o humor judaico apresentada neste trabalho possibilita a reconsideração dos limites para a análise de situações concretas que possam ter sido estabelecidos pelos conceitos de humor, piada e riso, separadamente.

## NOTAS

1 Ver: <http://pagesperco-orange.fr/corhum.humoresques/> Consulta em 05 de dezembro de 2009.

2 Cada número da revista versa sobre uma temática

específica e a relação dos temas das revistas já publicadas é a seguinte: Nº1 *L'Humour juif*; Nº2 *Humour, sciences et langage*; Nº3 *Image humoristique*; Nº4 *Sémiologie de l'humour*; Nº5 *Humour et politique*; Nº6 *Humour et cinema*; Nº7 *Humour et société*; Nº8 *Humour et esthétique*; Nº9 *Rire et littérature*; Nº10 *L'Humour graphique fin de siècle*; Nº11 *Armées d'humour, rires au féminin*; Nº12 *Humour et religion*; Nº13 *Poésie et comique*; Nº14 *L'horrible et le risible*; Nº15 *L'humour américain*; Nº16 *Santé du rire. Humour et thérapies*; Nº17 *L'humour et l'implicite*; Nº18 *La culture comique de l'Europe*; Nº19 *Rires marginaux, rires rebelles*; Nº20 *Le comique dans l'écriture*; Nº21 (2005) *Rires partagés. Humour, oralité et connivence*; Nº22 (2005) *Rires scatologiques*; Nº23 (2006) *Humour et satire graphique*; Nº24 (2006) *Rire et mythes*; Nº25 (2007) *Humour québécois*; Nº26 (2007) *Le comique de répétition*; Nº27 (2008) *Faire rire: mode d'emploi*; Nº28 (2008) *Grands écrans, petits écrans*. O Nº29 (2009) tem como tema *Histoire, humour et caricature*.

3 In: <http://japress.blogspot.com>. Consulta em 07 de dezembro de 2009.

4 O hassidismo (*rassidismo*, conforme a pronúncia em português) é um ramo da mística judaica, surgido na Polônia no século XVIII. Seu principal líder foi Baal Shem Tov (1700-1760), cujo verdadeiro nome era Israel ben Eliezer. O movimento se contrapôs ao sistema das academias rabínicas e ao seu líder, o Gaon de Vilna, propondo o domínio da emotividade sobre a erudição, assim como uma prática judaica mais alegre e menos elitista. Bogomoletz menciona um livro de um historiador israelense, Yehezkel Kaufman, com o título *A revolução judaica*, publicado em 1961, no qual ele diz “O movimento hassídico trabalhou no sentido de estimular os sentimentos de moralidade social dos judeus oprimidos, levando-os a criarem um modo de vida cotidiano baseado na solidariedade social, na ajuda mútua, a fim de, não sendo possível modificar praticamente nada no ambiente que os circundava, enfrentar as condições materiais com instrumentos espirituais e morais que, longe de representar uma fuga à realidade, permitiram resistir a esta, e a fazer surgir, no seio da própria massa judaica, uma agitação vivificadora que funcionou como um dique contra as marés de degeneração e esgarçamento social” (KAUFMAN, 1961

apud BOGOMOLETZ, 2005, p.121). Ver ainda Margulies, 2005, p.134-135.

5 De acordo com Goldsmith (1993, p.14), a Haskalá possibilitou o surgimento de um corpo relativamente grande de textos satíricos em hebraico e iídiche que procuravam afastar os judeus dos excessos da tradição religiosa e do estreitamento provocado pelo isolamento e pela exclusão.

6 Ver também Roskies, 2001.

7 Elie Wiesel. *Almas em fogo*: perfis e lendas dos mestres hassídicos. São Paulo: Perspectiva, 1979, p.200-201.

8 Ver as excelentes contribuições de Jacó Guinsburg à divulgação da literatura judaica, entre as quais estão a Antologia Judaica (ORTIZ; GUINSBURG, 1948); Joias do conto iídiche (GUINSBURG; RINSKI, 1948), Contos de I. L. Peretz (PERETZ, 1966) e à língua iídiche (GUINSBURG, 1996; 2004).

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA Hebraica, tradução de David Gorodovits e Jairo Frindlin. São Paulo: Sefer, 2006.

BOGOMOLETZ, Davy. "O hassidismo: divisor do povo judeu?" in FUKS, Saul. *Tribunal da história*: julgando as controvérsias da história judaica. Rio de Janeiro: Relume; Centro de História e Cultura Judaica, 2005, p.117-128.

CODOR, Dick. A Arte de rir e fazer rir. *Revista Morashá*, Edição 23, São Paulo, 1979.

DAVIES, Christie. "Jewish identity and survival in contemporary society: the evidence from Jewish humor" in KRAUSZ, Ernest; TULEA, Gitta (eds). *Jewish survival: the identity problem at the close of the twentieth century*. New Brunswick: Transaction, 1998, p. 123-144.

\_\_\_\_\_. "Exploring the thesis of the self-deprecating Jewish sense of humor". *Humor, the International Journal of Humor Research*, v. 4 n.2, 1991, p. 189-209. Reprinted in ZIV, Avner; ZAJDMAN, Anat Zajdman. *Semites and stereotypes*: characteristics of Jewish humor. Westport, Connecticut: Greenwood, 1993, p. 29-46.

FELDMAN, Liana Ribemboim. Humor judaico: o sorriso entre lágrimas. *WebMosaica*, v.1 n.2, jul/dez. 2009.

GOLDSMITH, Emanuel S. "Sholom Aleichem's humor of affirmation and survival" in ZIV, Avner; ZAJDMAN, Anat. *Semites and stereotypes*: characteristics of Jewish humor. Westport, Connecticut: Greenwood, 1993, p.13-28.

GUINSBURG, Jacó; RINSKI, Sime (org.). *Joias do conto iídiche*. São Paulo: Rampa, 1948.

\_\_\_\_\_. (org.). *O conto iídiche*. São Paulo, Perspectiva, 1966. (Seleção e notas de J. Guinsburg e Introdução de Meyer Kutchinsky).

\_\_\_\_\_. *Aventuras de uma língua errante*; ensaios de literatura e teatro iídiche. São Paulo: Perspectiva, 1996.

\_\_\_\_\_. Uma língua passaporte: o iídiche. *Revista Espaço Acadêmico*, ano IV, nº37, junho de 2004.

\_\_\_\_\_. Scholem Aleichem: a paz seja convosco! *WebMosaica*, v.1 n.2, jul./dez. 2009.

KASSOV, Samuel. "Shtetl" in *The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*, 2 vols. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2008, p.732-739.

KINOSHITA, Dina Lida. História, literatura e cinema: os contos de *Tevie, o leiteiro* e suas representações. *WebMosaica*, v.1 n.2, jul./dez. 2009.

KRIKMAN, Arvo. Contemporary linguistic theories of humour. *Electronic Journal of Folklore*, vol. 33, 2006., p. 27-77. Disponível em: <http://folklore.ee/folklore/vol33/ktiku.pdf>. Consulta em 10/12/2009.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin*: tradução e melancolia. São Paulo: Edusp, 2002.

MACHLINE, Vera Cecilia. "Como o riso era concebido no século XVI", *Trans/Form/Ação*, 21-22, 1998-1999, p. 11-19.

MARGULIES, Sérgio. "Confrontos, divergências e conflitos: o nascimento das correntes religiosas do Judaísmo" in FUKS, Saul. *Tribunal da história*: julgando as controvérsias da história judaica. Rio de Janeiro: Relume; Centro de História e Cultura Judaica, 2005, p. 129-148.

MEZAN, Renato. "A 'Ilha dos Tesouros': Relendo a piada e sua relação com o inconsciente" in SLAVUTSKY, Abrão; KUPERMANN, Daniel (orgs.). *Seria trágico... se não fosse*

- cômico. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005, p.129-198.
- NOSEK, Leopold. "Humor: estratégia de sobrevivência" in FRANÇA, Maria Olympia A. F. (org.). *Freud, a cultura judaica e a modernidade*. São Paulo: Senac, 2002, p.155-169.
- ORTIZ, Carlos; GUINSBURG, Jacó. *Antologia judaica: era rabínica e moderna*. São Paulo: Rampa, 1948.
- PERETZ, I. L. *Contos escolhidos*. Seleção e tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Rampa, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Contos de I. L. Peretz*. Organização e tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- RAPPOPORT, Leon. *Punchiness: the case for racial, ethnic, and gender humor*. Westport, Connecticut: Prager, 2005.
- ROSKIES, David G. Inside Sholem Shachnah's Hat. *Prooftexts*, vol.21, n.1, Winter 2001, p. 39-56.
- \_\_\_\_\_. Contadores de histórias em iídiche e a política do resgate. *WebMosaica*, v.1 n.2, jul./dez. 2009.
- RUTTER, Jason. *Stand-ups as interaction: performance and audience in comedy venues*. PhD. Thesis, Salford : University of Salford, Department of Sociology, 1977.
- SAPER, Bernard. "Since when a Jewish humor is not anti-semitic?" in ZIV, Avner; ZAJDMAN, Anat. *Semites and stereotypes: characteristics of Jewish humor*. Westport, Connecticut: Greenwood, 1993, p. 71-86.
- SCLIAR, Moacyr; FINZI, Patricia; TOKER, Eliahu. *Do Éden ao divã: humor judaico*. São Paulo: Shalom, 1990.
- SLAVUTSKY, Abrão. O precioso dom do humor. In: \_\_\_\_\_. KUPERMANN, Daniel (orgs.). *Seria trágico... se não fosse cômico*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005, p.201-228.
- \_\_\_\_\_. Um herói esquecido do Povo Judeu. *WebMosaica* v.1 n.2, jul/dez 2009.
- SPALDING, Henry D. *Enciclopédia do humor judaico: dos tempos bíblicos à era moderna*. Tradução de Dagoberto Mensch. São Paulo: Sefer, 1997.
- ZIV, Avner. *Personality and sense of humor*. New York: Springer, 1984.
- \_\_\_\_\_. "Preface" in ZIV, Avner; ZAJDMAN, Anat. *Semites and stereotypes: characteristics of Jewish humor*. Westport, Connecticut: Greenwood, 1993, p.vii-xi.
- \_\_\_\_\_; ZAJDMAN, Anat. *Semites and stereotypes: characteristics of Jewish humor*. Westport, Connecticut: Greenwood, 1993.